

O COLEGIAL

ORGÃO DOS ALUNOS DO COLÉGIO CATARINENSE

Expedido pelo Editor

Ano III

Florianópolis, Outubro de 1947

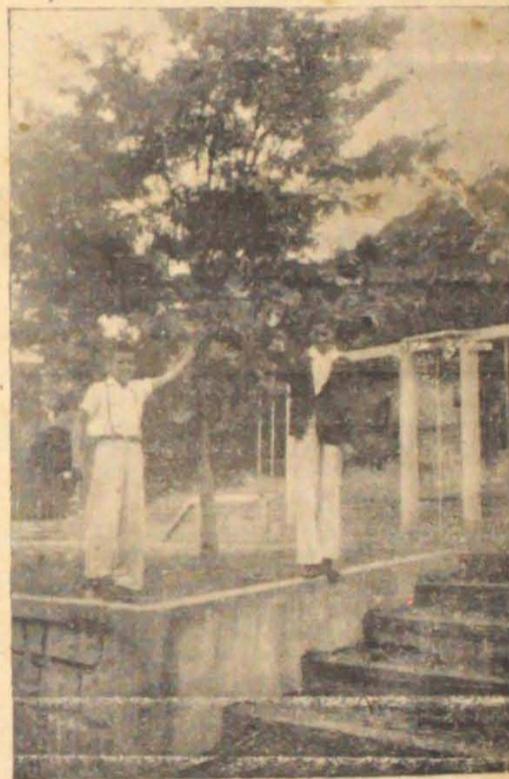
N. 8

Ao muito estimado
Aniversariante
14 - 10



Antenor Moraes
Inspetor Federal,
os nossos sinceros
votos
de Felicidade

P A U B R A S I L



Uma tarde ia eu para o Campo Grande afin: de assistir a um treino do Colegial quando deparei com dois rapazes ao pé de uma pequena árvore.

Esses dois estavam tirando uma fotografia ao pé desta jovem planta.

Ao me aproximar dêles notei que era um legítimo Pau Brasil, plantado pelos alunos do Colégio. Então perguntei a mim mesmo: "Que sei eu a respeito do Pau Brasil?"

E comecei a pensar para ver se sabia de fato alguma coisa acerca desta árvore. Logo me vieram à mente os velhos tempos de Grupo Escolar em que a professora nos ensinava ser esta planta a causa de piratarias e brigas em todo litoral brasileiro da época colonial. Tudo isso devido a sua propriedade de produzir corante e por ser madeira de lei das mais finas.

Mas isto não era tudo. Recordei-me então de uma aula de Botânica do P. Braun na qual falava da classificação científica dos vegetais e lá surgiu o Pau Brasil, o Muyrá — Piranga dos Indígenas.

Seu nome científico é "Caesalpinia Echinata", nome este que foi dado por Plumier em honra ao grande botânico italiano André Cesalpino, criador da primeira classificação artificial dos vegetais, em sua obra memorável — De Plantis XVI.

O Pau Brasil foi classificado entre as Leguminosas, sub-família das Caesalpináceas, por possuir flôr zigomorfa, i. é., irregular e o cálice dialisépalo em que os sépalos são distintos uns dos outros, possuindo dez estames livres.

O Pau Brasil está, cada vez mais raro pois deve-se compreender, que por ser Madeira de Lei não foge às derrubadas das matas.

Já em 1826 cuidava-se deste pormenor, tendo S. M. D. Pedro I baixado uma lei condenando à pena de morte a todo aquele que cortasse um ou mais pés de Pau-Brasil na ilha de Sta. Catarina.

E parece-me ser isto tudo o que sabia acerca da árvore do Brasil, e como já havia começado o treino deixei para outro dia o Pau-Brasil.

Cidoca

MANIFESTAÇÃO DO COLÉGIO CATARINENSE AO REVMO. P. DIRETOR

Realizou-se dia 18 do mês passado, no nosso Colégio uma manifestação ao P. João Alfredo Rohr.

Pela manhã, às 7,30 horas houve missa rezada pelo aniversariante. Canto escolhido "Ad hoc". Caia uma chuva miúda. Contudo a Capela estava repleta; não só de alunos mas de padres do Colégio, bem como civis, eclesiásticos, amigos do nosso Diretor.

Logo após a missa fomos todos ao Salão Nobre do Colégio, onde realizou-se uma grande manifestação ao P. Diretor. Discursos, saudações, cantos e poesias, ofertas de nossa gratidão.

Todos os lugares estavam tomados. Todos prestavam a máxima atenção aos números. Primeiramente ouvimos um coro de rapazes dirigidos pelo batuta do P. Henrique e P. Armando ao piano. Abriu-se o pano e veio a primeira saudação ao Diretor. Nosso colega de aula Celestino Sachet, discursou, falando simples, mas com o coração na mão. Entre os discursos e saudações, o coro do P. Henrique entoava uma de suas belas canções. Houve ainda outros números, dignos de menção: Juca, por Ronaldo Carneiro e outras músicas do repertório do coro do P. Henrique.

Em prosseguimento a festa ouvimos o "Cestinho da Gratidão" por Leônidas Martins e Alço Pereira que foi entregue ao Revmo. aniversariante. Após este número fez uso da palavra o mul digno professor Dr. Anibal Nunes Pires, que falou com grande brilhantismo. Por último, o P. João Alfredo Rohr agradeceu com muita modestia a singela manifestação oferecida por seus alunos.

Ao terminar o seu agradecimento, deu-nos uma notícia, que foi recebida por todos com grande entusiasmo: dia seguinte "Feriado"!!!

Saimos do salão exultando de alegria e já no galpão estava-nos esperando a excelente banda policial, gentilmente cédida pelo amigo Tenente Cel. Marinho. Seguiram-se os jogos premiados do Externato. Sob numerosa assistência os jogadores batalharam com afinco para ver seu quadro vencedor. Pelas 11 horas terminaram os jogos de futebol. Uns gloriavam-se pela vitória; outros desculpavam-se pela derrota. No campo médio realizaram-se então as corridas de "saco" e cabo militar. Cada aula apresentou cinco rapazes fortes que disputaram os prêmios. Terminados os jogos e recebidos os prêmios retiramo-nos.

A tarde começou novamente a festa; esta vez com jogos premiados do internato. Chovia ainda, mas mesmo assim prosseguiu a festa.

A noite houve Teatro com a peça em quatro atos "ILUSÃO DA LIBERDADE". Antes porém, discursou o aluno Jaeson Barreto sobre a verdadeira liberdade. O salão estava repleto, pelos alunos do Colégio, e por pessoas de fóra. Compareceram mais ou menos cinquenta alunas do Colégio Coração de Jesus. Todos gostaram imensamente do papel que desempenharam os alunos; personagens desta grande peça "ILUSÃO DA LIBERDADE": Bonitas cenas se apresentaram. Cenas, que lembraram a revolução francesa de 1793, recordação das aulas de história. Entre os personagens figuravam alguns nossos colegas de aula. Terminou assim o grande dia de festa no Colégio Catarinense.

No dia seguinte, pensávamos ainda na grande festa e pedimos a

SÓ, NA VIDA

Na amplidão, solitária e sem recursos, mergulhou na bacia repleta de água turva, que se chama vida.
A placidês de sua face reconhecia a inexperiência, provinda de um futuro enganoso.
Ao ensaboar a sua face, reconhecia as torpezas humanas, procurava livrar-se delas.
Lutou como uma virgem luta por sua castidade.
As suas glórias reaparecem com a limpidez de seu semblante mavioso.
Descobriu que ainda era pura, ao mirar-se no espelho da humanidade.

Sentiu-se fraquejar, adormecera.
Lá do alto, reconheceu a sua morte, agradeceu ao Supremo de ter-lhe salvo, pois aqui já não era o seu lugar, havia de viver sempre, feliz.
Uma alma simples e pura, não pode sentir-se satisfeita entre torpes.
Alguém prometera-lhe a vida no espaço luminoso, e esta foi cumprida.
No seu sono profundo, ela reza, por todos e por ela também.

Roberto W. Schmidt
2º Cient.



Eis como se pode observar a baía Norte, do Colégio Catarinense

CONCURSO

O Gremio Cultural "PADRE SCHRADER", abre concurso, em que possam concorrer todos os alunos do Colégio Catarinense, curso Colegial e Ginasial; serão premiados os dois melhores contos de assunto livre. Os trabalhos não podem exceder a oito folhas de papel almaço e não ficar aquém de tres paginas.

O prazo da entrega é impreteivelmente o dia 5 de novembro vindouro, sendo os trabalhos entregues na Secretaria do Estabelecimento.

O primeiro prêmio terá o valor de Cr\$ 80,00 (oitenta cruzeiros) e o segundo prêmio terá o valor de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros).

O conto classificado em primeiro lugar será publicado no número de dezembro do "O Colegial", e o segundo no primeiro número de 1948.

A Comissão examinadora é a seguinte:

- R. Pe. Diretor, Presidente de Honra;
- Dr. Anibal Nunes Pires;
- Pe. Pedro Geremia;
- Pe. Armando Conte.

Deus que ainda por muito tempo conservasse-o bom P. Diretor em combinação de laços de amizade entre o mestre e aluno.

Esta manifestação foi justa, pois foi oferecida a um homem que muito tem feito para o progresso de nossos estudos!

Quer o nosso bem, nosso progresso, nossa formação, nossa liberdade de verdadeiros filhos de Deus.

Mário Moreira Leite
3ª Série "A"

A ELEVACÃO NO CUSTO DE VIDA

Sob o titulo acima recebemos uma obra do abalizado Professor Lourival Camara. O assunto delicado de que trata o autor é cuidadosamente desenvolvido e através suas paginas veem-se estatísticas sabiamente dispostas, o que muito facilita a compreensão e explicação do escrito.

O autor no correr das páginas aborda as causas que elevaram o custo de vida nesses ultimos anos.

A causa primordial, na opinião do autor, é a guerra. Com a guerra foram atraídas para a cidade os colonos, abandonando assim as lavouras.

Com o abandono desta última combinada com o aumento de exportação para os países beligerantes, veio consequentemente a crise e da crise a elevação do custo de vida, uma vez que a procura excedeu à oferta.

O autor tece ainda algumas considerações sobre a época em que vivemos, para assim tornar mais claras as suas afirmações.

O Professor Lourival Câmara foi recentemente nomeado pelo Governo para ocupar na Capital Federal altos cargos na Estatística Nacional.

E daqui enviamos nossos votos de congratulações por tão justa nomeação, certos de que continuará o Professor Lourival Câmara em sua nobre missão de servir à sua terra.

RED.

NÃO TINHA INIMIGOS
Quando D. Fernando Alvarez de Toledo, terceiro duque de Alba, se achava em seu leito de morte o sacerdote lhe perguntou se havia perdoado seus inimigos. O aristocrata do século XVI respondeu:
— Não tenho inimigo, pois a todos éstos tenho enforcado,

O COLEGIAL
Órgão dos alunos do Colégio Catarinense

Sob a responsabilidade da Diretoria do Estabelecimento.

Diretor:
CID GOMES

Gerente:
ALFREDO ZIMMER

—o—

Redação: Colégio Catarinense

PALAVRAS CRUZADAS

Antônio de Castro Pinto
3º ano B.

	2	3	4	
1				5
12				
	7		8	
6				9
10				
	11			

HORIZONTAIS:

- 1 — Fruta
- 2 — Verbo
- 6 — Contradiz
- 7 — Conjunção
- 10 — Fabulista
- 11 — Pronome do caso reto
- 12 — Nas moléstias contagiosas.

VERTICAIS:

- 1 — Impellido
- 2 — Nota musical
- 3 — Administra empresa
- 4 — Batraquio
- 5 — Esqueleto
- 6 — Pronome do caso obliquo
- 7 — Ponto cardinal.
- 8 — Vasta
- 9 — Contração.

Junte as silabas e terá uma frase do papa Leão XIII.

A	re	si	so	a	o	pre
Pa	mor	que	—	de	a	bl
ci	da	—	da	ce	—	tri
li	zar	tal	go	vi	de	nos
mar	te	a	ã	pos	—	a

José Luis Sobierajski
2ª Série B.

Comentários sobre o Drama "Ilusão da Liberdade"

Como era costume e tradição também este ano por ocasião do aniversário do Reverendíssimo Padre Diretor foi representado pelos alunos internos um drama, que desta vez tinha o pomposo título "Ilusão da Liberdade".

Após quase um mês de ensaio, espaço, aliás, pouco suficiente para preparar um drama de quase três horas, pela primeira vez os atores representaram no dia 17 a tarde, desta vez só para internos. Foi como que um ensaio geral.

No dia 18 às 19,30 horas começou-se a representação para pessoas de fora. O drama, o que quase sempre foi costume tratava de um assunto histórico. Era no ano de 1793, na França enlutada ainda pela guerra contra a nobreza, a Revolução Francesa. As cenas se passavam na Vandéia, no meio de um povo simples, católico, tendo como lema: "Por Deus, pelo Rei, e pela Vandéia". Para fazer um pequeno comentário sobre os atores, vejamos o resumo:

O Conde de Bonchamps, velho e aiquebrado, por causa de um equívoco, deixa de entregar o comando de general em chefe ao seu primogênito (Carlos) para outro filho (Artur). Este a princípio ouvia, ou ao menos fez que ouvia os conselhos do pai. Mais tarde porém, passou a ser influenciado pelos revolucionários que se espalhavam pela Vandéia, começa a entrar em negociações com os inimigos. O pai procura trazê-lo ao bom caminho, e embora auxiliado por Carlos nada consegue fazer. Perdem-se batalhas. Os Vendeanos comandados por Carlos lutam contra os revolucionários apoiados por Artur. Este em uma batalha chega mesmo a tentar contra a vida de seu pai. Mais tarde Artur vê em que maus caminhos se havia posto e arrepende-se. Volta para o lar paterno, e chega ainda a tempo de receber o perdão do velho pai que estava morrendo.

Desenvolveram-se no decorrer da demonstração momentos trágicos, momentos alegres e momentos tristes. Os atores, conscientes do seu dever, e do papel que estavam desempenhando, esforçaram-se de uma maneira prodigiosa para desempenhar com êxito a missão que se lhes havia mandado executar.

Dionísio Damiani, que fazia o papel do velho Conde foi o que melhor trabalhou, se levarmos em conta a sua inexperiência, (era a primeira vez que atuava) e ao difícil papel que lhe fora imposto: o de um velho pai que nos últimos dias de sua vida só tem desgostos.

Carlos e Artur respectivamente Florquardo Sena e Cid Gomes saíram-se também muito bem. Vem em seguida, nosso estimado Uri Sandrini, que no papel de Prefeito da Cidade de Nantes soube levar os espectadores de uma maneira comica, fazendo-os rirem estridentes gargalhadas. Foi, aliás, o que mais se distinguiu pelos seus gestos naturais e pelo modo de exprimir-se.

Julio Cesar que atuando como chefe do exercito revolucionario, demonstrou também, embora em menor escala certos dotes de ator, embora fizesse as vezes na entoação da voz.

Soube também exprimir-se também ótima-mente, principalmente na última cena, Nelson Alexandrino e velho Mordomo Jacomet.

Cumpra aqui registrar também, além de outros aqueles que desempenharam seu papel fazendo parte do povo. Estes mostraram-se óti-

ESPORTE

A. D. Colegial no Campo da Liga

Não nos enganamos quando aludimos que o Colegial iria ser perigoso adversário do Avai, ameaçando-o com uma possível surpresa. Isto porque, a falange dos "meninos de ouro" embora infeliz naqueles 6 a 0 frente ao Caravana do Ar, fruto de uma tarde aziaga, melhorara muito no encontro com o Paula Ramos o qual teve que empregar todas as suas possibilidades para levar de vencida os colegiais pelo score apertado de 3 a 2, conseguindo após um golpe de infelicidade do "onze" colegialino quando ainda vencia a contenda por 2 a 1.

Com isso, e, olhando a boa "performance" que tiveram no turno, os rapazes orientados pelo esforço do Padre Henrique, não desanimaram e com vários ensaios vinham se preparando para os demais compromissos não levando em conta aqueles insucessos.

Deixando de se defrontar com o Figueirense por motivo do adiamento do prélio os "meninos de ouro" arrazaram ainda suas forças para a séria "parada" que então iriam ter com o Avai F. C. líder-invícto, na tarde do dia 27 de Agosto.

E foi com esta grande disposição e vivo entusiasmo que os Garotos do Colégio Catarinense, deram início ao combate, encontrando um Avai que acreditava plenamente no poderio do seu pelotão, aureolado pelo favoritismo que lhe davam os prognósticos gerais.

Logo de princípio, revezando-se os ataques o Colegial ameaçou perigosamente o arco de Adolfinho com um pelotão de Lauro na trave quando o goleiro avaiiano já estava vencido. Assim, firme na sua disposição, a falange colegialina se opôs bravamente ao tetra-campeão, que, ainda desconfiado não se jogava com impetuosidade a luta.

Com seu entusiasmo, todavia, os colegiais não declinaram e começaram a sustentar em quasi igualdade a situação da pugna, pois, mais tarde os avaiianos compreendendo o valor de seu antagonista procuravam articular com mais decisão. Assim foi, que, decorridos 20 minutos de luta, Zacki numa jogada oportuna e feliz fez um goal difícil, com o joelho, escoranco uma bola cruzada de Felipino. Apesar deste resultado, os "meninos de ouro" não se desorientaram e procurando desazer a anarquia do placard, começaram a lutar sem dar tréguas ao seu adversário, preparando assim o terreno da segunda fase. Desse modo o primeiro período atingiu o seu fim, apresentando o score mínimo no marcador e uma leve superioridade dos avaiianos, graças à experiência dos seus homens e o real poderio de seu conjunto. No entanto na eta-

mamente, ora fazendo barulho, ora intimidando o velho Bonchamps e no fim fazendo pouco caso de Artur.

Vê-se assim que, embora uns em maior escala e outros em pouco menos todos os atores, cumpriram o seu dever e se mostraram aptos para levarem a efeito o drama, e de uma maneira digna para festejar nosso Reverendíssimo Padre Diretor.

Celestino Sachet

3ª. Série A.

pa derradeira, a pugna mudou de aspecto.

Exausto com o esforço que vinha empregando para conter o entusiasmo da equipe colegial, o pelotão azurra foi cedendo aos poucos, possibilitando aos "meninos de ouro", uma incontestável superioridade na marcação do jogo, da qual, souberam tirar amplo proveito. Ai então, caminhando a pelega para o seu termino, aparecia o Colegial agigantando-se na luta e ameaçando seriamente a meta de Adolfinho. Muitas ocasiões surgiram, então para a inevitável queda do arco, mas, que mal aproveitadas não surtiram o efeito desejado, deixando porém, em grande pânico a defesa azurra.

No entanto numa destas oportunidades fez justiça ao esforço do Colegial, pois Renato após bonito dribble arremessou sem grandes pretensões ao arco de Adolfo. Lauro que jogara muito fechado, aproximou-se e interceptando a trajetória da pelota em bela cabeçada encobriu Adolfo, empatando a partida sob grandioso delirio da torcida colegial. Animados com este feito, os "meninos de ouro", com uma defesa sólida desfazendo-se das investidas contrárias e alimentando bem o ataque, continuaram a assediá-lo no reduto final azurra, vislumbrando por vezes o triunfo que justiceiramente mereciam. Nesse panorama a luta foi se desenrolando ao fim com o surpreendente empate de 1 a 1, que muita gente não esperava e que foi uma real vitória para os rapazes do Colégio Catarinense.

Empatando com o Líder-invícto e constituindo-se num adversário árduo e perigoso, o Colegial reabilitou-se amplamente, dando lúcida demonstração de seu valor. Caso a chance bafejasse mais seus atacantes e estes atuassem melhor organizados nas suas investidas, a estas horas o Avai estaria amargando a sua primeira derrota no certame.

Helinho o mais fraco, claudicando muito, desperdiçou e prejudicou muitas avançadas com imperfeita distribuição de bolas, deixando além disso Bráulio jogar a vontade. Laur, atendendo, determinação técnica, atuou muito "fechado" sobre a meta, perdendo excelentes ocasiões para marcar. Severiano substituiu bem a Gil. Motorzinho, como sempre, dinâmico e voluntarioso. Renato driblando mais do que o necessário, porém bom. Na defesa, o ponto alto da equipe, todos andaram bem, destacando-se em primeiro lugar a figura impressionante do médio es-

quendo Nazareno, o "eixo" do quadro, que tendo uma performance perfeita foi o jogador numero um do gramado. E uma revelação extraordinária este jovem.

O zagueiro Aldo, vigiando severamente não, foi também outro grande expoente do quadro Colegial, com uma conduta que chega a ombrear com Fático. Brognoli, Kacips, Gordo e Pedro foram também outros grandes elementos que contribuíram bastante para o sucesso de suas cores.

E um pelotão, pois, onde surgem as mais belas esperanças do nosso futebol, com revelações que incam esses rapazes como os futuros "azes de Santa Catarina".

O quadro do Colegial atuou assim constituído: Brognoli, Aldo e Kacips, Gordo, Pedro e Nazareno, Renato, Motorzinho, Severiano, Helinho e Lauro.

Na partida preliminar saiu vencedor o Colegial com o resultado satisfatório de 3 a 0, goals de Régis 2 e Paulinho 1. O team dos aspirantes estava assim organizado: Caminha, Osni e Carlos; Getulio, Jardo e Tonoli; Ari, Nairo, Osman, Régis e Paulinho.

(Transcrito de "A Gazeta" de 30 de setembro de 1947).

O DISCÍPULOS DE EMAUS (Murilo Mendes)

Dez pensamentos de que gostei:

- 1) Na Rússia tudo é grande, até o erro.
- 2) O homem deve mostrar sua tortaleza ao homem e sua fraqueza ao Cristo.
- 3) A sabedoria entra tanto pela vista como pelo cérebro.
- 4) O que distingue a infância e a naturalidade.
- 5) A liberdade é o equilíbrio entre o bem e o mal.
- 6) Não há equilíbrio sem oposição.
- 7) O sofrimento dos poetas, dos artistas e dos santos torna-se o estrume espiritual da humanidade.
- 8) So o futuro é moderníssimo.
- 9) O homem é um ser futuro. Um dia seremos visíveis.
- 10) E mais importante ser refinado de coração do que de espírito.

N. N. — 2º Científico.



História das Coisas

VI reportagem de uma série

Contarei hoje algo que li num livro que muito me agradou. Fiquei sabendo coisas que não sabia se existiam. Resumirei só dois capítulos que tenho em memória. É sobre o famoso Dr. Paul Ehrlich e suas descobertas que tanto bem fizeram à humanidade. Mas passarei a antepor a sinopse histórica antes de entrar a falar d'ele.

O jovem Perkin em experiências químicas ao tentar sintetizar o alcaloide química, usado desde 1638, descobriu a purpura de anilina, fundamento da sulfanilamida, da família dos corantes do aicatrão da hulha. Falando em química, entremos mais a fundo na nossa história.

Os Incas no Perú sabiam que em suas florestas existiam duas plantas medicinais muito usadas por eles: a coca e a quina. A primeira, mascando-se as folhas suavizava dores, fome e restaurava energias, dela também era obtida a cocaina, um narcótico sutil. A outra a quina era usada na cura da malária. Seu gosto amargo e cor rosada eram suas identificações. Os Incas relutaram muito para entregar a quina aos espanhóis. Pizarro em vão tentou obter-lhes a planta. Somente um século depois quando um Jesuíta esteve com malária, então sim os índios por piedade lhe ministraram a quinina. O padre curou-se e voltou à Loxa em 1638, com um punhado de cascas de quinina e conta a Dom Lopez de Canizares, corregedor deste posto avançado dos espanhóis.

Mas por coincidência a formosa D. Ana, esposa de Dom Luiz Jerônimo Fernandez de Cabresa Bobadilha y Mendoza, conde de Chinchon e vice-Rei do Perú, enfermou de febre da malária no palácio de Lima. Dom Lopez de Canizares era amigo velho do medico desta, Dr. Dom Juan de Vega. Deram a quinina à Dona e ela ficou prontamente restabelecida. Em homenagem, a planta foi chamada de Chinchona, nome do Conde seu esposo.

A quinina ficou famosa em 1679, Luiz XIV comprou de Sir Robert Talbot, médico inglês, o segredo do preparo do pó de Chinchona. Em 1852, o governo holandês enviou o botânico Justus Hasskarl para colher mudas e transportá-las para a ilha de Java. A planta aclimatou-se lá e hoje Java mantém o monopólio quase absoluto na exportação da quinina.

Começou-se o estudo sobre ela. Notou-se que continha principios ativos parecidos com a morfina de papoula e a atropina de beladona. Estes atuavam quimicamente como radical alcalino, formando sais com ácidos. Daí o seu nome de alcaloides. Pasteur e Alphonse Laveran estudaram as drogas. Hoffmann, também tentou produzi-las artificialmente. Bem, mas podemos, agora, voltar a falar do nosso amigo Perkin. O corante descoberto por ele era grande agente terapêutico. Via-se que as cores tinham influência seletiva sobre os tecidos e microorganismos. Aproveitando esta idéia foi que em 1870, um estudante de medicina da Universidade de Estrasburgo, deu uma injeção de azul de metileno nas veias de um coelho vivo. Logo notou que a cor azul era notada nos nervos do animal, facilitando assim o estudo do sistema nervoso. Esta idéia tomada como louca naquele tempo, tinha sido do futuro descobridor de 606, Dr. Paul Ehrlich. Tal experiência, porém anulou-lhe, ou melhor, arruinou-lhe a carreira de médico. Continuou com estas espécies de experiências, abandonando todo o resto da medicina. Nestas pesquisas veio a descobrir um corante triacido com



Alunos Internos em recreio.

o qual os glóbulos brancos do sangue se diferenciavam em 5 tipos. Após isto passaram-se 12 anos sem relevantes trabalhos.

Esteve porém com ameaça de tuberculose, por isso foi fazer um estado de saúde no Egipto. Ao regressar foi convidado por Robert Koch a trabalhar em seu laboratório. Vendo que tinha agora um campo onde pudesse enfrentar o mundo afirmou e procurou provar que a "sulfanilamida" mata os estreptococos. Como era natural, foi taxado de louco por tais afirmativas, e seu estado de espirito tornou-o esquecido, sendo objeto de troça dos colegas de laboratório.

Porém, ainda não havia desistido das aplicações dos corantes, mesmo quando aplicou em 100 ratos, os quais morreram, pois o corante era nocivo aos ratos. Ao ministrar benzopurpurina aos ratos, estes como sempre, esticavam as canelas, mas misturou à benzopurpurina, uma porção de sulfonatos, pois notara que os coágulos de sangue destes, tinha um número maior de parasitos. Quer dizer que a droga fazia efeito, mas era forte demais, pois além de matar os microbios matara os ratos também.

Depois deste pequeno êxito com o corante vermelho de tripan, Ehrlich resolveu atacar os microorganismos com arsenico. O primeiro composto, resultante das inúmeras pesquisas foi o sal de sódio de um acido acetico derivado do Ataxil (apelido que era dado a arsenico). Este novo preparado foi dado a dois ratos por via bucal e outros dois por via intra-muscular. Nove dias depois, quando os quatro ratos deviam estar mortos, os que haviam sido injetados estavam vivos, porém completamente cegos.

Era um grande passo, mas porque os bichos cegavam? Simplesmente porque na composição da droga havia uma substância qualquer que atacava os órgãos visuais.

Por uma sorte uma senhora chamada Franziska Speyer, doou-lhe um laboratório completo e custeou-lhe as pesquisas, tudo em memória do falecido marido. Como assistentes tinha dos grandes nomes da química e bacteriologia da Alemanha, Berthelm e Hata, respectivamente.

Hata continuou trabalhando, em harmonia com Ehrlich. Pesou cinco diferentes doses de derivados do arsenico, e injetou um de cada em dois ratos, procurando descobrir o menor número de partículas do n. 1 que ematasse os microbios e poupasse a visão aos ratos e cobaias. E as injeções restantes, as n. 2, 3, 4, 5 cada qual foi ministrada oralmente e injetada em quatro camundongos que se salvassem desta experiência seriam reexperimentados.

Enquanto isto, o engenhoso Berthelm, continuou enviando novos compostos de arsenico para as ex-

periências de Hata e Ehrlich. O número de compostos experimentados foi subindo ... 100, 200, 300, cada um com uma combinação diferente até que chegou ao n. 605, Hata experimentou todos; bons, ruins e indiferentes, e reexperimentou em todos os ratos que vissem depois de 9 dias, o que era muito raro pois quase sempre os animais morriam.

Julgamos assim:

— Depois de tanto fracasso, é necessario uma grande torça de vontade em continuar uma coisa que rainou 605 vezes, não é verdade? Mas os três não pensavam assim.

Berthelm enviou o último composto de arsenico que havia preparado. Era o n. 606, o diidrocloro de diamino — dihidroarsenobenzeno, $C_{12}H_{12}O_2N_2As_2 \times 2H_2O$.

Hata notou que este matava o tripanosoma (microbios), com rapidez ruminante. Os ratos tinham pronto restabelecimento; dispostos, de bom aspecto e apetite voraz como saudos roedores que eram.

Mas... o eterno "mas"... O 606 poderia ser benéfico ao homem? Poderia ele matar a "Spirochaeta ranca", um organismo parente do tripanosoma e causa da sífilis e da doença do sono? Para dar respostas a estas perguntas, tentou em coelhos. Em 31 de agosto de 1905 meia dúzia de coelhos sífilíticos foram vacinados.

O Salvarsam, como Paul Ehrlich o chamava, havia obtido bom êxito. A quimioterapia transformava-se no melhor ramo da medicina.

Mas... novamente o mas, outros laboratórios não dormiam e logo conseguiram provar que o Salvarsam não era tão poderoso. Bayer iniciando as pesquisas em 1910 e em 1920 viu seus esforços coroados de êxito. O 205 de Bayer, o (54-134-025-N686-Na6) chamado Germanina, era lançado, fazendo concorrência ao Salvarsam.

Depois de Bayer, continuaram as experiências. 1936, data notável, pois os Drs. Fritz Mielzsch e Josef Klarer descobriram um corante alaranjado derivado da sulfanilamida, que foi batizado de Streptozon e mais tarde denominado Prontosil. Assim prosseguia a batalha do laboratório. Cada um queria ter a glória das descobertas. Neste afã 2.000 derivados da sulfanilamida foram descobertos. Tudo por causa da "teimosia e loucura" de Paul Ehrlich, que em 1870 desejava orientar os primeiros passos para a ciência moderna da quimioterapia, que tanta utilidade nos dá.

José Antônio de Sousa Neto
1º Científico

GRÊMIO C. P. SCHRADER

DEUS

Voltaire disse certa vez: "Si Deus não existisse, seria preciso inventá-lo".

Que pensamentos profundos encerraram estas palavras simples! Um homem que negava a religião, que vivia na imoralidade e nas baixezas do mundo, um homem completamente destituído de caráter, ou melhor, cheio de caráter baixo, cujos pensamentos sobre a humanidade e a vida eram sempre irônicos e negativos ao fitar as profundezas do universo, a harmonia no espaço, ao ver a infima semente germinar e crescer até atingir as proporções de um carvalho; ao ouvir os cantos dos pássaros e ver-lhes as variedades cores, ao maravilhar-se diante de uma flor, vestida com tal singeleza, e que no entanto "nem Solomão com toda a sua glória ainda se vestiu como elas", e ao aspirar-lhe o odor perfumado, ao sentir-se o sol a aquecer-lhe a vida, a chuva a precipitar-se do Céu e o vento a açoitá-lhe as vestes, ao olhar para dentro de si mesmo, não duvidou de que toda esta harmonia, de que a razão de seu próprio ser, não era simples obra do acaso. Para isso só poderia haver uma única causa — Deus.

E contudo, agarrado às coisas materiais, usa ainda de toda a sua ironia para exprimir a que ela desejaria negar.

Naur Coelho

2º Cient.

CURIOSIDADES

Escute só, seu Pafúncio, que se um (1) homem leva 12 dias para fazer uma parede, poderão dois homens fazê-la num só dia, — 288 homens numa só hora. Em 1 minuto, fá-la-ão 17.280. E 1.036.800 homens (um milhão, trinta e seis mil e oitocentos) — a farão em 1 segundo, ... isto é, antes de tempo ter havido para que assentem um só tijolo!?!

Mês de Outubro

Mês das Missões



Estão esperando!

Índia com quasi	300.000.000	pedaço
Indo-China	40.000.000	"
China	450.000.000	"
África	130.000.000	"